UM ESTUDO ENUNCIATIVO SOBRE A VOZ DE PESSOAS TRANS COMO UM POSSÍVEL INSTRUMENTO DE SUBJETIVIDADE

AN ENUNCITIVE STUDY ON THE VOICE OF TRANS PEOPLE AS A POSSIBLE INSTRUMENT OF SUBJECTIVITY

Arthur Marques de Oliveira¹

RESUMO: A proposta do presente texto é investigar, a partir de uma perspectiva enunciativa e antropológica, se a voz pode ser tomada como um mecanismo ou instrumento de subjetividade nas relações sociais entre os sujeitos através dos estudos de língua e linguagem. Este trabalho, em especial, pretende investigar a identificação de pessoas trans com gênero e a relação que a voz pode (ou não) ter com a subjetividade e identificação desses sujeitos. Em outras palavras, argumenta-se por meio de uma perspectiva teórico-enunciativa que a voz pode refletir e marcar a subjetividade do sujeito, nesse caso, de pessoas trans em suas relações interlocutivas.

Palavras-chave: Voz. Antropologia da Enunciação. Pessoas trans. Linguística.

ABSTRACT: The aim of this text is to investigate, from an enunciative and anthropological perspective, whether the voice can be taken as a mechanism or instrument of subjectivity in social relations between subjects through language and language studies. This work intends to investigate the identification of trans people with gender and the relationship that the voice may (or may not) have with the subjectivity and identification of these subjects. In other words, it is argued through a theoretical-enunciative perspective that the voice can reflect and mark the subjectivity of the subject, in this case, of trans people in their interlocutive relationships.

Keywords: Voice. Anthropology of Enunciation. Trans people. Linguistics.

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), arthur_marques@outlook.com.

PALAVRAS INICIAIS

Antes de explicitar os objetivos deste texto, é importante situar quem está lendo sobre um dado da realidade das pessoas que estão envolvidas neste estudo. O Brasil, durante os últimos 12 anos, é o país que mais mata pessoas transexuais, de acordo com o *Trans Murder Monitoring* (Observatório de Assassinatos Trans), que aponta que, apenas nos primeiros nove meses de 2020, 124 pessoas transexuais foram mortas no Brasil. Com isso, este trabalho também se torna relevante por uma questão social que busca promover e dar visibilidade para essas pessoas, suas vozes e formas de ser também dentro da academia.

O presente texto tem como objetivo refletir, a partir de uma perspectiva enunciativa e antropológica, sobre a voz de pessoas transgêneros (trans doravante). De forma mais específica, deter-nos-emos aos seguintes objetivos: a) discutir sobre a relação entre voz e subjetividade; e b) fazer uso de relatos de pessoas trans para buscar elucidar como essa questão da voz é tratada pelo falante. Em outras palavras, argumenta-se uma perspectiva teórico-enunciativa e antropológica que trata das relações entre voz, sujeito e linguagem na sociedade.

É pertinente destacar que dentro desse campo de estudos existe a Teoria *queer*, que trata sobre o gênero e tem como argumento que a orientação sexual e a identidade de gênero das pessoas resultam de discursos construídos socialmente, refutando a ideia de não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana. Na teoria *queer* entende-se que há a existência de formas e papéis sexuais variáveis que a sociedade desempenha.

Agora, mais especificamente, dentro do campo dos estudos da teoria da linguagem, existe uma linguística relativamente nova e emergente que abarca também estudos de natureza *queer*, a chamada Linguística Queer (LQ), que, de acordo com Borba (2020, p. 13), “se interessa pela investigação de toda a extensão de identidades, ideologias e práticas sexualizadas que emergem de contextos socioculturais específicos”. Entretanto, acredita-se que a partir de perspectiva enunciativa, também seja possível incitar novos olhares sobre essa questão. Desse modo, será possível trabalhar com as relações entre voz, sujeito, falante e subjetividade, conceitos já conhecidos e mobilizados dentro da teoria de Benveniste (2005 [1954], 2006 [1966]) e Flores (2015, 2018, 2019).

Assim, este artigo encontra-se dividido da seguinte forma: primeiramente, é realizada uma breve contextualização sobre as diferenças entre gênero, sexo e performance. Além disso, também são discutidos alguns conceitos e estudiosos do gênero para que seja possível entender melhor o pano de fundo no qual este trabalho é pintado. Na sequência, disserta-se sobre o lugar que a voz ocupa nas relações entre língua, sociedade e sujeitos e a voz como um elemento indicativo de subjetividade na linguagem. Feito isso, serão analisados, por um viés enunciativo e antropológico, os relatos de pessoas trans instigados a partir de duas perguntas com pessoas participantes do curso pré-vestibular TransENEM na cidade de Porto Alegre, essas perguntas possuem como objetivo tentar identificar como essas pessoas enxergam sua voz. Por fim, encaminhamos para considerações (não tão) finais assim, pois esse é um tema que por hora, é inesgotável de discussão. Dito isso, é feito o convite à leitura deste texto que (re)trata questões caras e necessárias *in tempore oportuno*.

É PRECISO SABER VIVER E ENTENDER: SEXO, GÊNERO E PERFORMANCES

Atualmente, ainda existe algum desconforto e certa confusão ao falar nas três categorias supracitadas. Há quem pense que gênero pode ser definido pelo sexo biológico com o qual uma pessoa nasce, reafirmando o binarismo de gênero, ou seja, homem e mulher. Inicialmente, para adentrar esse universo, falaremos sobre sexo, pois é o termo mais conhecido entre as pessoas. Tendo como base os estudos de Oakley (1972), o sexo define-se como um termo biológico que designa o que é homem ou mulher, assim, o sexo está diretamente ligado a características físicas, como genitálias, gônadas, hormônios, cromossomos etc. Considera-se relevante trazer a seguinte passagem de Lanz (2011) para melhor entendimento e incitar a próxima discussão sobre gênero:

“Na espécie humana, foram “cientificamente reconhecidos” até o momento apenas 4 tipos de sexo, resultantes da combinação de X e Y, e que são: o macho, a fêmea, o hermafrodita e o assexuado ou nulo, sendo essas duas últimas categorias de ocorrência muito pequena, a última praticamente inexpressiva. Ao contrário de toas outras espécies animais desse planeta, o comportamento humano não é herdado geneticamente, mas aprendido, através de um lento e complexo processo de socialização. Portanto, não é o sexo macho que determina o comportamento masculino de uma pessoa, mas o aprendizado social do que é ser macho, numa determinada sociedade, época e lugar do planeta.”

Dito isso, é factível pensar que o sexo biológico não pode determinar o que é ser homem ou mulher. Por exemplo, na medida em que o comportamento humano decorre dos processos, construções, relações e interações sociais. As questões que envolvem os significados de ser homem ou mulher perpassam a dimensão e compreensão do gênero. Não é possível limitar homens e mulheres apenas a questão física, ao sexo com o qual nasce ou a composição biológica, mas deve-se levar em consideração também os componentes que contribuem para a construção social da pessoa, como as interações entre os indivíduos e a natureza, a cultura, a história, os cultos e crenças religiosas, dentre outros.

Nesse sentido, o gênero está ligado a esses aspectos, conforme elucida Stoller (1968), que define gênero como um termo multifacetado com forte arraigamento em fatores psicológicos e culturais. Em outras palavras, pode entender-se por gênero os traços de masculinidade e de feminilidade encontrados em uma pessoa, os gostos, a forma de falar e de se vestir e etc. Todos esses traços socialmente definidos têm influência direta na questão do gênero. No que se refere aos estudos de gênero, Judith Butler é considerada uma das maiores filósofas pós-estruturalistas que se debruça sobre essas questões. Em relação às noções de gênero, Butler discorda que exista um sexo biológico e pensa gênero como um efeito de poder. Sobre isso, a autora diz que:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a **pessoas reais** como uma “marca” de diferença biológica, **linguística e/ou cultural**. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto (BUTLER, 2003, p. 28, grifos meus).

Entende-se, então, que a definição de gênero perpassa uma construção social ancorada no sexo biológico, em que apenas dois gêneros são aceitos, masculino (homem) e feminino (mulher). Nesse pensamento, é pertinente discutir o que são pessoas trans, tendo em vista que são o público que está sendo relacionado com esta pesquisa. De acordo com Santos (2016) nos países de língua inglesa, desde o final dos anos 90 e início dos anos 2000, existe a definição política “transgênero/ *transgender*” para identificar as pessoas que não se conformam com o gênero com o qual foram designadas ao nascer. Tanto mulheres travestis como mulheres transexuais se enquadram na categoria transgênero, também válida para homens trans.

De acordo com Jesus (2012) dentre as pessoas transgênero encontram-se as travestis, mulheres transexuais e homens trans. Em sua maioria, as travestis são pessoas que nascem com o sexo biológico masculino, com aparência física masculina, mas que não se identificam como homem e tendem a construir uma identidade de gênero feminina. Já as mulheres transexuais são pessoas que reivindicam o reconhecimento social e legal como mulher. No que se refere aos homens trans são pessoas que nascem com o sexo biológico feminino, com aparência física feminina, mas que não se identificam como mulher e tendem a construir uma identidade de gênero masculina. Em outras palavras, é um ser humano que tem a convicção de pertencer ao sexo oposto ao qual nasceu, ou seja, seu sexo psíquico se encontra em discordância com o biológico.

Para Butler (1998, p. 25), o sujeito seria alguém que não se definiria por ontologias, naturais ou culturais. Logo, ele não estaria restrito à suposta diferença anatômico-fisiológica, anterior à linguagem, pré-discursiva, nem mesmo a uma folha branca ou corpo nu aguardando as marcas da cultura, do gênero. Tais elementos “naturais” ou “culturais”, que descrevem os corpos e marcam identidades, lugares, papéis, trânsitos, relações sociais etc., não seriam despretensiosos, mas prescrições das normas. São performances que estabilizam o sujeito em uma coerência dos gêneros, na inteligibilidade social de gêneros, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura cristalizada e binária, são efeitos de práticas reguladoras que visam a produzir uma substância, um ser “mulher”, um sujeito feminino. É nesse terreno, que surge a questão do gênero e performance que pode indicar uma relação entre o ato enunciativo e o ato performativo, já que ambos geralmente são realizados via voz, o que será esclarecido mais adiante.

A palavra performance abarca diversos sentidos e ao longo do tempo vem se (re)significando conforme os fenômenos sociais vão aparecendo, tanto que hoje se torna difícil usá-la sem uma explicação prévia. Por isso, o intuito, aqui, não é classificar o termo como um exercício meramente formal, ou por uma busca de um sentido denotativo que pudesse resgatar algum tipo de pureza do significado. A performance, quando relacionada ao gênero, é um tipo de ocorrência que pode se dar em qualquer corpo, desconectado (ou não) da ideia de que cada corpo corresponde a um gênero. Butler (2003) propõe repensar o corpo como uma “superfície politicamente regulada” em que muitas forças estão circunscritas nos comportamentos e expectativas sociais. A dimensão contingente do gênero como performance sugere a necessidade de repetição que, ao mesmo tempo em que é a reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, é também, a cada vez, uma nova experiência de performance ou o que a autora chama de “repetição estilizada de atos” (Butler, 2003, p.200).

Tendo feitas as devidas definições de gênero, sexo e performance agora é chegada hora de fazer uma aproximação com a questão da linguística e dissertar sobre o sujeito. Com base nisso, é importante refletir sobre o lugar que a voz ocupa na vida do sujeito nesse caso, pessoas trans, pois ela (a voz) faz parte desse ato performativo e enunciativo; de acordo com Oliveira (2020, p. 90): “a voz carrega consigo diferentes formas de ser e significar”. É pertinente corroborar que a voz e outras formas de linguagem estarem intrinsecamente ligadas ao sujeito a partir de Meschonnic (1982) *apud* Silva e Milano (2013, p. 02), “[o]s gestos, o ritmo, a mímica, a entonação não estão no signo, mas no sujeito”; dando a entender que a voz assim como outros mecanismos de subjetividade não pode ser distanciada da linguagem. Essa relação, da voz enquanto mecanismo para ser e significar, enquanto traços do sujeito, fica mais clara na seguinte passagem do texto “Da subjetividade na linguagem” de Benveniste (2005, p. 285):

não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos nunca o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.

É possível presumir, a partir dessa passagem de Benveniste, que a linguagem e o ser humano caminham lado a lado e quase sempre se interpelam, tanto pelo fato de ser fundamental para comunicação quanto para a expressão de traços da subjetividade aquém e além sujeito. Além disso, o destaque está na questão de o ser humano ter essa necessidade de falar e se comunicar para poder, então, ser definido, pela linguagem, como ser humano. A voz pode ser vista como um dos modos de o locutor fazer a passagem de indivíduo para sujeito e, conseqüentemente, revelar e explorar sua subjetividade. Sendo assim, para a pessoa transexual, a voz pode se refletir como uma das características de maior acusação do gênero.

A VOZ QUE SUBJETIVA E A ANTROPOLOGIA DA ENUNCIÇÃO

A voz, de acordo com Oliveira (2020, p. 97), sempre foi um “calcanhar de Aquiles” no campo da linguagem, pois para que o campo da linguística se instituisse como ciência os estudos mais abstratos e que envolvessem questões de sentido, inicialmente deveriam ficar em segundo plano. Entretanto, com o passar dos anos, os linguistas estão dando cada vez mais importância para questões que envolvam o sentido e a subjetividade dos sujeitos. Nesse contexto, pensando a voz como um mecanismo de subjetividade tendo como base Naumann (2016, p.7), é possível conceber voz e linguagem como: “o significante e o significado do signo, o que torna a linguagem, a voz e a subjetividade, indissociáveis. A voz se torna, portanto, o lugar privilegiado da constituição de subjetividade.”.

Através dos escritos de Émile Benveniste, é possível ver um forte empenho em difundir as ideias de subjetividade, apresentando o uso da língua como um caráter

singular, único e subjetivo, partindo do sujeito. O autor também trabalhou muito sobre o tema da subjetividade que eles mesmo diz ser: “a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Se, como já dito acima, o sujeito é constituído na e pela linguagem, pode-se concluir que os mecanismos necessários (nesse caso, a voz) para que o locutor seja protagonista de uma enunciação também façam parte desta constituição.

Com isso em mente, destacam-se os estudos de Flores, que desenvolveu um longo percurso estudando, entre outras, a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Nesses anos de estudo, em especial relacionados ao falante e à voz, Flores (2019, p. 258) conseguiu originar o que intitula de Antropologia da Enunciação, que é um construto teórico que coloca o *Homo loquens* no cerne dos estudos da linguagem e que vê, na capacidade de fala do homem, uma fonte de saber (inesgotável) de natureza linguística. Flores (2019, p.24) destaca que o filósofo italiano Giorgio Agamben mostra que, dentro dessas classificações, há espaço para o *Homo sapiens loquendi*, pois, de acordo com Agamben (2008, p.14):

O homem não sabe simplesmente, nem simplesmente fala, não é *Homo sapiens* (homem sábio) ou *Homo loquens* (o homem que fala), mas *Homo sapiens loquendi* (o homem que sabe como falar), homem que sabe e pode falar (e, por tanto, também não falar).

Nesse viés, a Antropologia da Enunciação estuda fatos, fenômenos que advêm da sociedade, do *homo loquens* e suas relações, em especial, o que o falante diz de sua relação com os fenômenos que estão e que se farão (ou não) na língua. Neste trabalho, é importante esse movimento de abordar essa relação do falante falando da língua e neste caso, da língua enquanto contorno de sentido partindo da voz, tendo em vista que, de acordo com Flores (2015, p.91) a Antropologia da Enunciação trata o sujeito-falante como um etnógrafo da língua, quando fala da materialidade da própria língua. Citando, ainda, Flores (2015, p.94): “A linguística do homem falante interessar-se-ia pelo que o homem diz da língua, sobre a língua, a respeito da língua. É tempo de dar lugar a essa etnografia. O falante é etnógrafo da própria língua”. Cabe, ainda, trazer as seguintes palavras de Barthes *apud* Flores (2019, p. 268) para elucidar o fato da voz do falante ser uma forma de refletir e refratar discursos: “a voz humana refratária à indiferença, portanto, refratária a um discurso completamente conformado a um ideal de cientificidade, porque ‘*não há nenhuma voz humana no mundo que não seja objeto de desejo – ou de repulsa: não há voz neutra*’”.

Tendo clarificado o viés enunciativo e antropológico que esta pesquisa adota, é pertinente situar quem está lendo sobre os pressupostos que embasam a análise que será feita na próxima seção. O foco das análises tem como suporte o trabalho apresentado por Flores (2015, 2018 e 2019), que dá a voz a uma tratativa focada na “palavra cantada”, analisando comentários feitos por cantores sobre a voz de outros cantores (falantes falando de outros falantes). Entretanto, aqui partiremos de uma metodologia que se aproxima da proposta de Oliveira (2020), pois além dos enunciados transcritos a seguir não se caracterizarem como “palavra cantada”, como

nos estudos de Flores, neste trabalho, o comprometimento da voz do sujeito pensada como mecanismo de subjetividade.

Dito isso, o que será analisado serão os relatos de falantes falando sobre como sua voz pode ser um elemento de subjetividade e que a voz pode depreender (ou não) uma adequação e de gênero social. Com isso, corrobora-se a importância de se pesquisar sobre o(s) sentido(s) que a voz pode operar nos locutores e nos interlocutores, para além do comunicar. A voz do sujeito transexual pode produzir materialidades linguísticas através da enunciação para superar a ideia de um único par sintagmático oposicional possível, o qual classifica a voz para determinado gênero. Torna-se pertinente trazer a seguinte passagem de Flores (2019, p. 270) para mostrar que a voz pode depreender diversos sentidos: “A materialidade da voz se impõe e exige ser comentada, o que é sempre insuficiente; as palavras apenas registram o que da voz excede, para além ou para alguém”. Assim, a Antropologia da Enunciação toma por objeto os comentários que o falante faz sobre a língua, munidos criticamente (ou não) pela propriedade metalinguística da linguagem. Flores (2015, p. 93) chama esse nível de percepção revelado pelos comentários de contorno de sentido, que depreendem um saber sobre a língua:

“Para que fique bem claro: o contorno de sentido é algo que o falante faz sobre uma unidade que é localizada pelo falante como tal. Não interessa se isso corresponderia, ou não, à verdade científica. O que está em questão é o saber que o falante articula. Em outras palavras: o falante pode produzir uma interpretação sobre um elemento X que, na verdade, em um exame acurado, não estaria implicado no que está sendo dito. O contorno de sentido situa o homem na sua condição de falante, interlocutiva em sua essência.”

Descrito esse cenário, busca-se pelo contorno de sentido após a análise dos relatos, pois, de acordo com Oliveira (2020), acolhe como objeto os comentários que o falante faz sobre a língua e sobre o ato de falar, fazendo assim, um movimento crítico do uso da propriedade metalinguística da linguagem. Flores (2015) reconhece esse nível de percepção revelado pelos comentários de contorno de sentido, que depreendem um saber sobre a língua, seja esse da/na forma o no sentido:

Não interessa se isso corresponderia, ou não, à verdade científica. O que está em questão é o saber que o falante articula. Em outras palavras: o falante pode produzir uma interpretação sobre um elemento X que, na verdade, em um exame acurado, não estaria implicado no que está sendo dito. O contorno de sentido situa o homem na sua condição de falante, interlocutiva em sua essência (FLORES, 2015, p. 93).

PRINCÍPIOS DE ANÁLISE

A dinâmica adotada para captar os relatos foi por meio de encontros virtuais com pessoas participantes do cursinho popular TransEnem, que é uma iniciativa

independente e sem fins lucrativos, que atende pessoas trans em Porto Alegre, para oferecer preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outros processos seletivos de universidades.

Dito isso, serão analisados 3 relatos capturados em encontros que duraram em média 15 minutos. Aqui, acredito ser pertinente trazer três pontos do estudo, para fins de esclarecimento e conhecimento: a) os relatos foram recolhidos no mês de maio de 2021; b) é interessante dizer que foram gravados 12 relatos ao total. Contudo, para as análises, serão feitas apenas 3, por uma questão de espaço e prezando pelo foco da pesquisa; e c) contaram com a participação livre e anônima de todas as pessoas envolvidas, partindo do sujeito falante, sendo ele portador dessa enunciação individual. Para realizar esse movimento, enquanto pesquisador, foram necessários os seguintes comportamentos: o primeiro, me colocar como um interlocutor e assumir, de forma mais isonômico possível, um lugar de analista de um dado discurso. Já o segundo movimento foi elaborar algumas questões para os sujeitos transsexuais. Essas perguntas tiveram o intuito de estimular a memória dessas pessoas sobre acontecimentos que os incitem a falar da voz e sobre o falar. Esse recurso do contorno de sentido pós-relato e memória possui como base o texto “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” de Émile Benveniste. Para melhor elucidar é trazido o seguinte trecho:

o analista opera sobre o que o sujeito lhe *diz*. Considera-o nos discursos que este lhe dirige, examina-o no seu comportamento locutório, “fabulador”, e através desses discursos se configura lentamente para ele o outro discurso que ele terá o encargo de explicitar, o do complexo sepultado no inconsciente... O analista, portanto, está à procura de um dado “histórico” enterrado, ignorado na memória do sujeito, quer este deva ou não consentir em “reconhecê-lo” e identificar-se com ele. (Benveniste, 2005, p. 82).

As perguntas feitas tiveram o intuito de incitar a memória e instigar os falantes a falarem sobre suas vozes em diferentes momentos de sua vida. As perguntas feitas foram as seguintes: i) Qual a sua idade?; ii) O que a sua voz significa para você?; iii) Consegue pensar em algum episódio que a sua voz tenha incomodado?; iv) Como você se sente com a voz?; v) Como você se sente com a sua voz ao falar?. Essas perguntas foram elaboradas tendo em vista evocar episódios na memória dos sujeitos transsexuais para reconhecer e revisitar episódios sobre a voz enquanto possível mecanismo de subjetividade. Nesse ponto do texto, é interessante trazer a seguinte passagem de Benveniste (2005, p. 84) para destacar a relação entre subjetividade, sujeito e língua:

A linguagem, assim, é utilizada aqui, como palavra, convertida nessa expressão da subjetividade iminente e evasiva que constitui a condição do diálogo. A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele. Ora, a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal.

Nessa etapa da pesquisa surge o momento da transcrição que representa uma experiência para o pesquisador que pode se constituir em uma análise prévia do material. Nesta pesquisa, foi optado pela transcrição livre, tendo como base as convenções ortográficas, mas mantendo, na medida do possível, algumas marcas da oralidade para preservação do sentido. Além disso, destacamos em negrito os comentários que o falante faz sobre a língua, pois se trata de uma entrevista semiestruturada, por isso, é adequado que essa atividade seja realizada pelo próprio pesquisador. Afinal, de acordo com Queiroz (1983, p. 84): “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência”.

ANÁLISES

Partindo da metodologia proposta por Flores (2019) e (re)vista por Oliveira (2020), serão transcritos os três relatos das pessoas trans (Quadros 1, 2 e 3), cada um seguido por uma análise tendo em vista o contorno de sentido, conforme supracitado. Os trechos com grifos fazem referência, mais claramente, a indícios da voz como mecanismo de subjetividade na existência do sujeito dessas pessoas.

Quadro 1 – Depoimento A

Meu nome é (suprimido) tenho 38 anos de idade e me considero uma mulher trans. Minha voz significa pra mim meu meio de expressão e de comunicação no mundo, meu entendimento. **Houveram momentos na minha vida, principalmente na minha adolescência que eu ficava muito incomodada com a minha voz, parecia uma neurose ou fixação eu precisar passar por mulher biológica a qualquer custo. Atualmente, não me importo tanto com minha voz,** com toda minha idade e trajetória isso não me preocupa mais. Contudo, faz pouco tempo que deixei de me preocupar com minha voz e uma possível passabilidade junto a nossa sociedade.

Fonte: Arquivo Pessoal

Analisando o relato da pessoa acima, sobre esse fenômeno da voz enquanto indicador de subjetividade, é interessante deduzir que esses depoimentos que comentam sobre a voz servem como uma forma de corroborar seu uso e indissociabilidade do *Homo loquens* e de sua respectiva subjetividade. Observa-se essa maior incidência na seguinte passagem do Depoimento A: “eu ficava muito incomodada com a minha voz, parecia uma neurose ou fixação eu precisar passar por mulher biológica. Atualmente, não me importo tanto com minha voz”, pois durante muito tempo de sua vida, essa pessoa dá a entender que mudava sua real voz e se incomodava com sua voz “natural” para poder expressar de forma mais completa toda subjetividade do seu ser.

Quadro 1 – Depoimento B

Meu nome é (suprimido) tenho 24 anos. Sou um homem trans e gosto de ser chamado por pronomes masculinos. **Minha voz não representa nada mais que um incômodo pra mim**, nada além disso, um dos principais episódios que minha voz me incomoda é quando alguém pergunta meu nome e eu digo (censurado) e **minha voz não acompanha/coopera com essa informação**. Tenho horror, **não gosto mesmo da minha voz feminina, ela não expressa quem eu sou**, atualmente estou passando pelo processo de hormonização e acho que **uma voz masculina vai me dar muito mais liberdade para dizer as pessoas quem sou**, e para mim mesmo assimilar melhor quem sou eu.

Fonte: Arquivo Pessoal

É possível notar, no Depoimento B, especificamente no trecho em que a pessoa diz fala: “minha voz não acompanha/coopera com essa informação”, “não gosto mesmo da minha voz feminina, ela não expressa quem eu sou” e “uma voz masculina vai me dar muito mais liberdade para dizer as pessoas quem sou”. Nesse caso, é perceptível que essa pessoa não se sente confortável ao se colocar presente e se instituir como sujeito, no discurso (via voz), pois sua voz “feminina” não colabora com sua aparência mostrando assim, um possível distanciamento entre sujeito e subjetividade. Esse relato, também mostra a relevância que a voz pode instituir no movimento de aproximação entre os sujeitos no âmbito linguístico e indivíduos no social em relações interlocutivas.

Quadro 1 – Depoimento C

Tenho 24 e a minha voz **é algo bem importante na minha vida** porque é através dela que eu consigo criar boas relações e me expressar. **A minha voz também representa muita coisa pra mim, pois ela é meu instrumento de luta** pra continuar combatendo a LGBTfobia mas principalmente a transfobia. Eu acho que no início da minha transição quando eu não entendia direito a transgeneridade e tinha uma ideia ilusória que estava pautada encima da cisgeneridade talvez por minha voz não ser tão grave, **me incomodou**, mas foram poucas vezes. Mas hoje, eu entendo e reconheço a transgeneridade com suas próprias diferenças e como referências em suas próprias características. Pra mim voz masculina e voz femininas não existem, são apenas vozes. **É muito mais sobre o que essas vozes dizem do que suas características**.

Fonte: Arquivo Pessoal

No que refere ao Depoimento C, principalmente nos seguintes trechos: “a minha voz é algo bem importante na minha vida” e “A minha voz também representa muita coisa pra mim, pois ela é meu instrumento de luta”, percebe-se o seguinte

movimento: o locutor, além de se colocar numa posição de enunciador (político), referencia a voz como um instrumento importante para que essa posição seja estabelecida. Com isso, em todos os relatos pode-se ver que é a voz para essas pessoas é algo muito importante enquanto indivíduos da sociedade e enquanto sujeitos da linguagem, e é via voz que essas pessoas colocam também um papel de presença em relação a sua identidade de gênero. Essa presença pode ser balizada pensando a seguinte passagem de Flores (2019, p. 272):

Pela voz articulam-se corpo, linguagem e falante, que juntos, produzem uma instância de constituição recíproca no qual um elemento nada vale sem o outro. A linguística do homem precisa se debruçar sobre o que faz desse falante alguém capaz de transmitir e de se singularizar nessa transmissão.

Evidenciando, assim, que a voz pode, sim, servir como um mecanismo de subjetividade na linguagem, sendo para o sujeito tanto uma forma de se singularizar nas interlocuções e suas relações sociais quanto para que esse sujeito possa vincular sua identidade de gênero a essa voz refletindo então uma das formas de (inter)subjetividade.

CONSIDERAÇÕES (NEM TÃO) FINAIS

Em todos os relatos, é possível ver que há um incômodo, à primeira vista um mal-estar das pessoas trans com sua voz por ela não ser, geralmente, capaz de transparecer nuances de sua subjetividade e características individuais. Em outras palavras, haveria um empasse quando o sujeito ao fazer uso da língua não se sente inteiramente representado, sempre há um incômodo, uma falha.

Acredita-se que no exercício da fala entre o corpo e voz através desse incômodo instale-se uma ruptura, quase como uma fenda, que revela a exterioridade na voz, quando o falante faz o movimento de se dividir e se reconhecer entre emissor e receptor, entre enunciação e enunciado ele confronta-se com inesperado: sua subjetividade o que pode causar uma estranheza irreduzível. Desse modo, a voz, de acordo com Oliveira (2020, p. 105) pode significar subsistência, expressando a subjetividade dos sujeitos (eu) e seu identificar social (indivíduo) para o reforço dos laços com outros (tu), tanto enunciativos quanto sociais. E, talvez, esteja aqui o poder da voz, esse movimento concomitante que significa, singulariza e socializa."

Voltando um pouco e refletindo sobre o título deste texto, fora proposto fazer um "estudo sobre a voz de pessoas trans como um mecanismo de subjetividade", no sentido de tentar incitar discussões sobre o poder e a influência que a voz possui na expressão do sujeito em suas relações na sociedade. Então, este texto tem o intuito também, estimular mais estudos sobre o lugar da voz nos pontos de vista sobre a linguagem, a pessoa trans e o sujeito, constituindo a voz e seus desdobramentos como um "problema" a ser estudado e desmistificado. Observando essa perspectiva, é pertinente trazer as palavras de Flores (2019, p. 370), "[...] os problemas são gerais de

linguística porque são pertinentes a toda e qualquer linguística, e o fato de que se inter-relacionam é a prova mais cabal disso”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história** – Destrução da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes, 2006.

BORBA, R. **Discursos Transviados: por uma Linguística Queer**. São Paulo: Editora Cortez, 2020.

BUTLER, J. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno**. Cadernos Pagu, nº 11, 11-28. 1998.

BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FLORES, V. **Problemas gerais de linguística**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FLORES, V. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. **Work. Pap. Linguíst.**, 19 (2): 35-53, Florianópolis, ago./ dez., 2018.

FLORES, V. **O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, dez. 2015.

JESUS, JG. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília; 2012.

LANS, L. **O corpo da roupa**. Dissertação (e Mestre em Sociologia, no Curso de Pós-Graduação em Sociologia) - Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Paraná. p. 342. 2016.

OAKLEY, A. **Sex, Gender and Society**. Nova York: Harper, 1972.

OLIVEIRA, A. **Efeito viral: um estudo sobre a incidência da voz no contexto pandêmico**. Revista Linguística Rio, v. 6, n. 1, mar.-jul. 2020.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

NEUMANN, D. **Em busca de uma poética da voz**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

SANTOS, G. **Performance de gênero no feminino e no plural**: travestilidade, violência e abjeção. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. p. 121. 2016.

SILVA, C; MILANO, L. O lugar da voz na aquisição da linguagem. Lume, 2013.

STOLLER, R. J. **Sex and gender**: the development of masculinity and femininity (1968). Londres: Karnac Books, 1984.